

A inversão de papéis no romance *A Selva*, de Ferreira de Castro, em uma perspectiva pós-colonial

Ednaldo Tartaglia Santos, Odete Burgeile

Resumo

Este trabalho faz uma leitura do romance *A Selva*, do escritor português Ferreira de Castro, em uma perspectiva pós-colonial. Assim, observamos o olhar de um europeu sobre os colonizados (brasileiros), através da inversão de papéis das personagens Alberto, português na posição de colonizado, e Juca Tristão, brasileiro como colonizador. Sustentamos nossas discussões com as abordagens de teóricos que se preocuparam com o estudo a respeito do Outro (Said 2007, Gondim 2007, Pratt 1999). Dialogamos também com os trabalhos de Cunha (2006), que relata e denuncia o sistema de exploração humano nos seringais da Amazônia; de Emery (1999) a respeito do romance *A Selva*, e de Tocantins (1999), que discorre sobre o escritor Ferreira de Castro. Observamos que o romance faz uma denúncia social sobre o sistema exploratório nos seringais amazônicos do início do século XX, bem como divulga a região. Por fim, este estudo aponta a resistência de uma personagem europeia em se considerar como o Outro.

Palavras-chave: *A Selva*; Amazônia; seringueiros; colonizador; colonizado

The role inversion in the novel *A Selva* by Ferreira de Castro in a post-colonial perspective

Abstract

This work is a reading of the novel *A Selva*, by the Portuguese writer Ferreira de Castro, in a post-colonial perspective. Thus, we observe the look of an European on the colonized (Brazilians), by reversing the roles of the characters Alberto, a Portuguese on the colonized position, and Juca Tristao, as a Brazilian colonizer. We hold our discussions with theorists' approaches concerned with the study about the Other (Said 2007, Gondim 2007, Pratt 1999). We also dialogue with the works of Cunha (2006) reporting and denouncing the human operating system in the Amazonian rubber plantations; of Emery (1999) about the novel *A Selva*, and of Tocantins (1999) that discusses about the writer Ferreira de Castro. We observed that the novel is a social denunciation of the exploratory system in the Amazonian rubber plantations of the early twentieth century, as well as spreads out the region. Finally, this study points out the resistance of an European character to be considered as the Other.

Keywords: *A Selva*; Amazonia; Tappers; Settler; Colonized

Ednaldo Tartaglia Santos. Professor Mestre da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP/Brasil e integrante do Grupo de Estudos Linguísticos, Literários e Socioculturais - GELLSO da Universidade Federal de Rondônia – UNIR/Brasil.

Odete Burgeile. Professora Doutora do Departamento de Línguas Estrangeiras da Universidade Federal de Rondônia – UNIR/Brasil. Líder do Grupo de Estudos Linguísticos, Literários e Socioculturais – GELLSO/UNIR.

Introdução

Este trabalho faz uma leitura, em uma visão pós-colonial, do romance *A Selva*¹, escrito pelo português Ferreira de Castro (1898-1974). O romance foi publicado pela primeira vez em 1930, em Lisboa (Portugal), contemplou a ambientação da Amazônia brasileira e pode ser considerada uma obra que denuncia o sistema de exploração humano nos seringais amazônicos do Brasil, no início do século XX.

O romance *A Selva* narra a caminhada do jovem Alberto, de 26 anos, estudante de Direito, imigrante Português que estava exilado no Brasil devido a sua ideologia política (era monarquista), em meio à implantação do regime republicano em Portugal. No Brasil, as condições financeiras de Macedo, tio do protagonista, não eram propícias para subsidiar seu sobrinho, Alberto, que estava desempregado. Assim, Macedo tende a convencer seu sobrinho a tentar a vida nos seringais amazônicos. Motivado pelo discurso de riqueza fácil, Alberto desloca-se para o seringal Paraíso, na floresta amazônica. Da embarcação, no porto da capital Belém, Estado do Pará, até o seringal Paraíso que, de acordo com a narrativa, estava localizado nas proximidades do município de Humaitá no Estado do Amazonas, começou a viver a desilusão da viagem e do trabalho. Estabelecido na terceira classe da embarcação Justo Chermont, Alberto viveu seus primeiros dias de agonia até a chegada ao seringal. No Paraíso, propriedade do seringalista Juca Tristão, teve recepção humilhante pelos seringueiros. Conviveu com os nordestinos e foi trabalhar na selva com a extração do látex. De acordo com as descrições no romance, Alberto foi submetido às asperezas que eram propiciadas pelo sistema exploratório dos seringais amazônicos. Teve ascensão e foi trabalhar no barracão do seringal, no qual teve moradia e comida “digna” para o ambiente, mas sempre subalterno ao poderoso Juca Tristão.

Nesse contexto, faremos uma abordagem pós-colonial do romance e enfatizaremos a inversão de papéis de duas personagens: Alberto, europeu invertido na posição de colonizado; e Juca Tristão, brasileiro na posição de colonizador. A análise dessas personagens possibilitará compreender a construção da personagem Alberto que, em síntese, é uma reprodução diegética do próprio autor Ferreira de Castro que, por sua vez, viveu no seringal Paraíso na Amazônia.

Desse modo, com intuito de melhor analisar o romance *A Selva*, em uma visão pós-colonial, dialogamos com os estudos de alguns teóricos que sustentaram nossos argumentos sobre a inversão de papéis no romance e a respeito dos conflitos sociais de um povo visto pelo Outro. O *Orientalismo*, de Edward W. Said (2007), foi fundamental para compreendermos os estudos culturais dos grupos marginalizados. Said salienta que “o Ocidente é o ator, o Oriente é um coadjuvante passivo. O Ocidente é o espectador, o juiz e o júri

de cada faceta do comportamento oriental” (Said 2007: 161). O autor discute o Ocidente se referindo ao imperialismo oriundo da Europa Ocidental e dos Estados Unidos da América, e o Oriente como os povos periféricos. Assim, o Ocidente sela o Oriente como os povos marginalizados e tidos como de fronteiras que podemos fazer alusão aos povos colonizados (Américas, África e Ásia), como sociedades inferiores ao mundo eurocêntrico e estadunidense, que se configura para Said (e que também consiste em nosso posicionamento) naquilo que estamos chamando de “Outro”.

Nesse sentido, utilizamos também o trabalho de Mary Louise Pratt (1999), *Pós-Colonialidade: Projeto incompleto ou irrelevante?*, que explora o pensamento pós-colonial. A autora salienta que “os mitos imperiais continuam gerando significados, desejos e atitudes. Ainda falta muito para que nos descolonizemos”. Com isso Pratt, discorrendo sobre o pós-colonialismo, verifica certo “relaxamento por parte dos intelectuais metropolitanos e cosmopolitas, permitindo que continuem atuando irrefletidamente como um centro que define o resto do mundo como periferia” (Pratt 1999: 18-9). Nesse sentido, os estudos pós-coloniais procuram dar ênfase naquilo que é marginal, ou seja, no Outro, o qual possui seus caracteres socioculturais que devem ser levados em consideração e devem ser ouvidos.

Dialogamos também com a obra *A invenção da Amazônia*, de Neide Gondim (2007), que relata o ponto de vista da elite europeia em relação ao Novo Mundo, desde o século XV ao XX, descrevendo e entrelaçando narrativas que juntas mostram a dizimação das culturas e dos autóctones, em meio ao ambiente da selva, e discorre também a respeito da visão fantasiosa e mimética do europeu em relação à Amazônia.

Empregamos ainda *À margem da história*, de Euclides da Cunha (2006). O escritor, em meio a suas várias atuações (jornalista, geólogo, hidrógrafo, historiador, sociólogo, romancista, escritor, etc.) foi chefe da comissão mista brasileiro-peruana que tinha como objetivo a demarcação de limites entre o Brasil e o Peru na região do Estado do Acre (Brasil). Apesar de seu cargo junto ao Estado, Cunha (2006) faz uma denúncia social ao sistema exploratório dos seringais da Amazônia, especialmente na região do Estado do Acre, e aponta as condições subumanas que os nordestinos eram submetidos no microcosmo da selva. As descrições realizadas pelo autor revelam não somente uma realidade acreana, mas sim fatos que contextualizam a Amazônia brasileira no período dos ciclos da borracha.

Outros trabalhos foram importantes para enriquecer nossa discussão. Assim, utilizamos também os estudos de Leandro Tocantins (1999), em *Ferreira de Castro, verdes caminhos da Amazônia*, e de Bernard Emery (1999), *A Amazônia e a (re) invenção do luso-tropicalismo: o caso de A Selva*. Esses trabalhos abordam questões a respeito do romance *A Selva*, sobre o escritor Ferreira de Castro e a respeito da Amazônia brasileira.

A Selva: o microcosmo Paraíso

De acordo com Leandro Tocantins em *Ferreira de Castro, verdes caminhos da Amazônia*, José Maria Ferreira de Castro foi um escritor português que imigrou para o Brasil, “chegou menino de doze anos, a Belém do Pará, no ano de 1911” (1999: 105) e, devido a algumas situações econômicas, obrigaram-no a juntar-se a uma leva de retirantes nordestinos, que fugiam da seca, contratados para cortar seringa na Amazônia brasileira.

O romance *A Selva* foi publicado pela primeira vez em 1930, em Lisboa (Portugal), e teve quinze anos de maturação. De acordo com Tocantins (1999: 108), o romance revela uma autobiografia de Ferreira de Castro a respeito do período que viveu no seringal Paraíso, na Amazônia brasileira. Sustentando o mesmo discurso, Bernard Emery, em seu trabalho *A Amazônia e a (re) invenção do luso-tropicalismo: o caso de A Selva*, assevera:

Com a personagem Alberto, que, neste sentido, não é nada mais que a encenação diegética do olhar do próprio Ferreira de Castro, pequeno seringueiro do início do século, submetido como todos os outros ao sistema de quase escravização, bem conhecido, dos seringais e de todos os latifúndios brasileiros, e exposto com a defesa ilusória dum rifle, quando o tem, a todos os perigos dum mundo tão fascinante como hostil. (Emery 1999: 95)

Assim sendo, o espaço em que a narrativa se desenvolve é a selva amazônica brasileira. A extração do látex era a principal atividade de fomento da região Amazônica no final do século XIX e início do século XX. O sistema de extração da borracha nos seringais brasileiros estava dividido em um contexto hierárquico, da seguinte forma: seringalista, o proprietário do seringal; os trabalhadores de apoio, que eram os caçadores, barqueiros e pescadores; e os extratores compostos pelos seringueiros que, em sua maioria, eram nordestinos.

A Amazônia era vista como o Eldorado² por muitos, e também como o próprio inferno por outros: o primeiro, pelas belezas naturais e facilidades, que alguns diziam, de conseguir riqueza; inferno, pelas dificuldades, pelas doenças endêmicas, pelo sistema de exploração humano presente nos seringais.

Assim, imigrantes nordestinos se inseriam na Região Amazônia, teciam, muitas das vezes, sua escravidão e sua própria morte diante dos trabalhos de extração da borracha. Esse era o contexto histórico que os seringueiros se envolviam em busca de uma riqueza fácil, por sua vez, errônea. Euclides da Cunha em *À margem da história* relata que “o seringueiro – e não designamos o patrão opulento, senão o freguês jungido à gleba das estradas – realizava uma tremenda anomalia: é o homem que trabalha para escravizar-se” (Cunha 2006: 28). Desse modo, os imigrantes estavam submissos à hierarquia e às

leis dos seringais, ao poder dos seringalistas, à falta de recursos financeiros, à dívida oriunda da viagem para a Amazônia e da compra de mantimentos que pudessem subsidiar as condições mínimas de vida para se trabalhar no seringal. Esses fatos justificam a anomalia apontada por Cunha, o seringueiro trabalha para se escravizar, pois a dívida, no seringal, só aumentava, bem como o domínio do seringalista sobre os seringueiros.

Nesse sentido, com a análise de algumas narrativas, Gondim faz o seguinte apontamento:

A floresta é responsabilizada pela transformação do homem; os caboclos e os índios são preguiçosos, indolentes, eram tidos como crianças grandes, ingênuos ou intrusos, desajustadores da harmonia natural. É em cima desses temas que se desenvolveu a grande maioria dos romances sobre a Amazônia. (Gondim 2007: 287)

O espaço por onde Ferreira de Castro configurou *A Selva* foi num seringal, em meio à floresta amazônica, e, assim, como Gondim apontou acima, esse romance também foi tecido mostrando a visão eurocêntrica em relação aos seringueiros. Tocantins relata o espaço de *A Selva* da seguinte forma: “O seringal Paraíso, no rio Madeira, seria a cidade da tristeza, a selva, o abismo da eterna dor, a mansão dos condenados” (Tocantins 1999: 107).

Cunha descreve como era o ambiente dos seringais e aponta alguns elementos característicos do sistema exploratório que predominava na selva amazônica brasileira:

Qualquer freguês ou aviado não poderá retirar-se sem que liquide todas as suas transações comerciais...

Fugir? Nem cuida em tal. Aterra-o o desmarcado da distância a percorrer. Buscar outro barracão? Há entre os patrões acordo de não aceitarem uns os empregados de outros antes de saldadas as dívidas, e ainda há pouco tempo houve no Acre numerosa reunião para sistematizar-se essa aliança, criando-se pesadas multas aos patrões recalcitrantes. (Cunha 2006: 31)

Com essas informações, podemos dizer que a trama do romance *A Selva* se desenvolve no microcosmo Paraíso que, por sua vez, é um espaço que transforma e recria os caracteres sócio-psicológicos dos indivíduos, através da exploração e do sistema de quase escravidão presentes nos seringais da Amazônia brasileira, no início do século XX. Assim, é possível observar um confronto entre o paraíso e o inferno, como já explicitamos acima: o primeiro, um universo paradisíaco da floresta, com suas belezas naturais, e que era visto como um lugar de prosperidade e de riqueza fácil; o segundo remete a realidade exploratória, hostil e exaustiva presentes nos ciclos da borracha amazônica. Contudo, no microcosmo Paraíso, os seringueiros estavam presos ao trabalho e à dívida, ou seja, ao sistema de exploração do seringal que

transcendia a ficção, pois era a realidade do ambiente amazônico daquele período.

A inversão: o europeu como colonizado e o brasileiro como colonizador

Neste item, faremos uma leitura do romance *A Selva* com um olhar pós-colonial, verificando a inversão de papéis das personagens: Alberto e Juca Tristão. É necessário ressaltar dois pontos em nossa leitura: Primeiro, Alberto era um Português que estava exilado no Brasil devido a sua posição política. Portugal, país que outrora dominou a expansão marítimo-comercial, conquistou diversas regiões no velho e novo mundo, fixando colônias. Com a conquista exploratória dessas colônias, Portugal impôs sua língua e religião, seus costumes e leis. Assim, o protagonista do romance é um europeu, invertido na posição de colonizado, ou seja, o imigrante português adentrou a selva amazônica, Brasil, na antiga colônia, nutrido pela perspectiva de riqueza fácil. Nesse sentido, esse ponto faz alusão, de forma indireta, ao sentimento de Alberto em colonizar para alcançar seus objetivos e, assim, podemos compreender sua resistência em se aceitar como Outro, que discutiremos adiante.

No segundo ponto, temos o brasileiro, Juca Tristão, invertido na posição de colonizador. Tomaremos esse entendimento, pois ele mantinha o poder, tinha dinheiro, fazendas, seringais e um domínio sobre suas terras. Estudaremos essa personagem na posição de colonizador brasileiro. Desse modo, Juca Tristão tinha o domínio em relação aos seringueiros nordestinos e a Alberto, português que se tornou seu subordinado.

Para Mary Louise Pratt, em *Pós-Colonialidade: Projeto incompleto ou irrelevante?*, as narrativas de anticonquista onde a catalogação da natureza torna conteúdo das narrações podendo se tornar essência do enredo. Ela salienta que “tais, histórias são o que chamo de narrativas de anticonquista, que naturalizam a presença e autoridade global européia em vez de transformá-las em invasão, fazendo uma impressão mais de inocência do que de intervenção” (Pratt 1999: 26-7). Assim sendo, em *A Selva*, a descrição da Amazônia é paralelamente apresentada com a angústia e atritos que o europeu sofre com a inversão de papéis no percurso de Belém, Estado do Pará, ao Seringal Paraíso, em Humaitá, e também na convivência com os brados³ no seringal.

Esses esclarecimentos fazem-se necessários para verificar o papel do europeu, Alberto, na posição de colonizado dentro da narrativa e do microcosmo criado pelo sistema exploratório humano dos seringais da

Amazônia e a visão eurocêntrica sobre o Outro.

Tocantins, em conversa com Ferreira de Castro, relata:

Então, me respondeu, enfático: “Em relação à paisagem natural o fato é autêntico. (...) Relutei em situar o ato repulsivo, pensando, sobretudo, nas repercussões em Portugal, onde a crítica poderia considerá-lo recurso ao escabroso, ao sensacionalismo. Mas não poderia ocultar nada, o romance tinha de ser fiel à verdade. (Tocantins 1999: 110)

De acordo com Tocantins, Castro tentou descrever, em seu romance, uma ambientação “fiel a verdade”. Não podemos esquecer que Ferreira de Castro viveu e conviveu com os seringueiros no Paraíso, em Humaitá, na Região Amazônica. Tocantins salienta ainda: “A arte imita a vida. Ele próprio, em Lisboa, me confessou a autenticidade de rota, fatos, paisagens e impressões durante a viagem do gaiolo” (Tocantins 1999: 107)⁴.

Edward Said, em *O Orientalismo*, ressalta que o “Oriente era praticamente uma invenção européia e fora desde a Antiguidade um lugar de episódios romanescos, seres exóticos, lembranças e paisagens encantadas, experiências extraordinárias” (Said 2007: 27). O autor assevera que o Oriente foi criado, inventado pelo olhar ocidental de dominador, reestruturador e que exerce o poder sobre os outros. Nesse sentido, o Oriente é colocado sobre o estereótipo de cultura inferior e marginalizado, designando seus povos como seres de fonteiras, inferiores ao modelo eurocêntrico. Contudo, entre os vários “Orientes”, a Região Amazônica, no romance *A Selva*, é tida como periférica, a personagem europeia de Alberto vive um drama nesse ambiente. O português olha com indiferença os demais seringueiros (da embarcação à chegada no seringal Paraíso), mantém resistência em se inserir na cultura e no sistema que outro estava contido. Com isso, observaremos a presença do pensamento eurocêntrico na personagem de Alberto, em várias situações do romance, que comentaremos ainda neste item.

Direcionando nossa leitura para algumas cenas do romance *A Selva*, temos o convite que a personagem Macedo faz a seu sobrinho, Alberto, para tentar a vida na Amazônia:

– Eu tinha pensado... É que está aí um seringueiro – o Balbino, aquele que anda sempre com um charuto na boca – que foi ao Ceará buscar pessoal para o Rio Madeira. Mas, ontem, fugiram-lhe três homens... Ora, eu pensei... Sim, talvez falando com ele tu pudesses... (Castro 1960: 23)

Nesta citação, observamos o receio de Macedo em conduzir Alberto aos seringais da Amazônia, tendo em vista seu possível conhecimento a respeito das asperezas que seu sobrinho poderia enfrentar, bem como podemos fazer alusão às condições que eram impostas aos recrutados do Nordeste brasileiro, desde o início da viagem, pois, para efetivarem a desistência, eram obrigados

a fugir. Em outro momento da narrativa, Alberto sonda a seu tio sobre as febres da Região do Rio Madeira⁵. Macedo responde:

– No Rio Madeira...

– É; em todos os seringais há muitas febres...

Macedo contrariou-se, mas resistiu, encarcerando, substituindo, as palavras de exaltação que lhe ferviam lá dentro. (Castro 1960: 23)

Os fragmentos supracitados aludem à ideia de que a personagem Alberto, no contexto brasileiro apontado no romance, estaria sendo conduzida à condição de colonizado, pois, devido às dificuldades financeiras da época e à seca que castigava o Nordeste brasileiro, Macedo tende a convencer e, de certa forma, a forçar Alberto a aceitar o trabalho no Paraíso. Portanto, Alberto torna-se vítima do sistema.

Alberto aceita ir para o seringal na Amazônia e a partir de então manteve uma grande resistência em se aceitar como Outro. Assim, Pratt salienta a respeito da descolonização do conhecimento que “inclui o dever de compreender as maneiras pelas quais o Ocidente (a) constrói seu conhecimento do mundo em linha com suas ambições econômicas e políticas” (Pratt 1999: 22). Descolonizar significa ver, conhecer e entender os elementos culturais, sociais e políticos do Outro. Alberto foi inserido no contexto dos seringais amazônicos, seu pensamento colonialista resiste em ver, aceitar e fazer parte da cultura do Outro. Várias cenas do romance relatam a resistência do colonizador europeu em descolonizar seu pensamento.

Por exemplo, na terceira classe da embarcação Justo Chermont, Alberto não aceita a posição do Outro. Assim, temos: “Magoava-o a facilidade com que outros recrutados se adaptavam e dormiam tranquilamente – um sono que era, para o egoísmo dele, quase uma afronta” (Castro 1960: 40). Ele não se considerava submisso, não se considerava um colonizado. Alguns trechos enfatizam essa resistência em relação ao Outro.

E quedava-se, de novo resignado, a aguardar Balbino, a vê-lo já chegar, a vê-lo aperta-lhe a mão e dizer-lhe: “Faça favor... Venha comer”. *E não era só a morte da fome; era a consideração que o gesto do outro lhe daria entre o rebanho, era a desforra daquela indiferença que o envolvia.* (Castro 1960: 50, grifo nosso)

O europeu como colonizado não admitia sua posição e esperava, de alguma forma, que fosse identificado como ser superior aos demais, todavia estava inserido nas mesmas condições que o Outro, os nordestinos elencados para o trabalho na selva amazônica.

Alberto “no convés da terceira, perseguido pelos vendilhões, que, perante a sua gravata e o seu fato passado a ferro, o julgavam com mais posses do que as cearenses” (Castro 1960: 57). Para ele, sua vestimenta era uma forma

de resistência e de superioridade em relação ao “rebanho”, percebemos que era uma forma de a personagem se classificar ou se diferenciar em relação ao Outro.

Com a chegada ao seringal Paraíso, temos o contato entre o europeu e os colonizados brasileiros (seringueiros nordestinos), os encontros eram sempre humilhantes. Para Pratt “o termo ‘contato’ deseja tornar visíveis os aspectos interativos e improvisados dos encontros coloniais, e concentra-se sobre como o sujeito na zona de contato são constituídos por suas relações mútuas” (Pratt 1999: 30). Porém, os colonizados brasileiros, que já habitavam o Paraíso, recebiam com hostilidades a nova leva de brados que iriam se submeter às desavenças, as quais já haviam passado no seringal.

Gondim analisando as narrativas da Amazônia relata que “os nativos são agentes que desarmonizam a ordem social instalada pelo branco – essa é a conclusão a que praticamente todos os viajantes chegaram depois de visitar o paraíso infernal amazônico” (Gondim 2007: 163). Essa era a maneira que o homem branco olhava o autóctone, visão de superioridade, de não aceitação do Outro. Visão que Alberto tende a lançar sobre os colonizados brasileiros, proporcionando uma marginalização dos mesmos.

(...) tudo servia para gargalhada de volúpia ou frase de escárnio, que recordasse à vítima a sua condição de inadaptado. (...) Alberto recolheu-se antes que o alvejassem. De novo *sentia uma repulsa instintiva por toda aquela humanidade de hábitos rudimentares e cujo convívio, ainda em hipótese, o amargurava profundamente.* (Castro 1960: 85-6, grifo nosso)

Temos, na cena acima, o encontro da personagem Alberto com o seu novo mundo, o microcosmo Paraíso, onde o narrador descreve o desprezo do português em meio “aquela humanidade de hábitos rudimentares”, ou seja, inferior à supremacia do “mundo europeu”. Said relata que “as fronteiras geográficas acompanham as sociais, étnicas e culturais de maneira previsível”, porém temos o ponto de vista de quem olha e de onde olha. A maneira como um indivíduo se sente estrangeiro ou não estrangeiro se baseia numa visão daquilo que “existe ‘lá fora’, para além do território conhecido. Todos os tipos de suposições, associações e ficção parecem amontoar-se no espaço não familiar fora do nosso” (Said 2007: 91). Desse modo, Alberto resistia ao novo ambiente, aos novos hábitos, à nova sociedade que estava se inserindo, tinha o olhar de colonizador (europeu), e a não aceitação do território sociocultural do Outro, implicava em manter sua “dignidade” eurocêntrica.

Os recrutados para trabalhar nos seringais eram tratados como seres inferiores, comparados a rebanhos e a escravos. No desembarque, Balbino contava os novos seringueiros e dava-lhes explicações e “Alberto pensava, olhando de longe a cena, nos navios negreiros de outrora, ao desembarcarem escravos em plagas longínquas, quando a voz rude de Balbino lhe recordou

que também ele fazia parte do bando (...)” (Castro 1960: 87).

A presença de Juca Tristão chama a atenção de Alberto: “quem era a personalidade que tantas vênias desfrutava. – É o Juca Tristão – elucidou o outro – É o seu patrão...” (Castro 1960: 86). Nessa cena, mais uma vez, presenciamos a resistência que Alberto mantinha em se reconhecer como o Outro, entretanto o ambiente demonstrava e forçava-o essa aceitação.

Quando inquiriram ao Juca Tristão sobre o que fazer com o português, ele disse: “– Não compreendo como você trouxe uma peste dessas. Já é sabido que carcamano e marinheiro só são bons para regatão...” (Castro 1960: 92). Alberto não foi bem-vindo, era português, era estrangeiro. Ele estava no território em que outrora sua nação fora colonizadora e agora estava submetido às ações dos próprios colonizados.

Sobre as transações comerciais no seringal, quando o seringueiro tinha saldo, Juca Tristão vendia tudo o que ele necessitasse “fosse loucura rematada ou objecto inútil, tudo dava mais lucro do que passar-lhe, no futuro, um saque para ser trocado por bom dinheiro na ‘casa aviadora’, em Manaus” (Castro 1960: 94). Essa era a lei dos seringais, uma forma do seringalista manter os seringueiros presos ao seringal. Era também uma prática recorrente nos seringais da Amazônia brasileira, como mencionou Cunha “Torna-se eterno hóspede dentro da própria casa”, pois “todas as benfeitorias que o liquidado tiver feito nesta propriedade perderá totalmente o direito uma vez que retire-se” (Cunha 2006: 28-31).

Em meio às hostilidades do sistema exploratório do seringal, a personagem de Firmino, colonizado brasileiro, procurou, de forma pacífica, integrar o europeu, Alberto. Com isso, eles mantiveram uma relação amigável. Porém, de certa forma, o colonizado brasileiro proporcionou a colonização do português ao integrá-lo no seringal Paraíso. Firmino ensinou-lhe os principais segredos para tentar vencer a selva. Sempre se mostrou à disposição do português, emprestou calçado adequado para a selva: “Firmino entrou, para voltar com rudes borzeguins de borracha, iguais aos que ele trazia – ‘latex’ coalhado sobre uma forma de madeira e único artefacto ali fabricado com a riqueza que se extraía”. O seringueiro também emprestou roupas para Alberto não danificar seu traje de gala: “Você não deve trazer o seu paletó. (...) Assim, assim, enquanto não tem blusa. Tire também o colete e a gravata, que atrapalham um homem e lhe dão calor” (Castro 1960: 109).

Firmino explicava a Alberto sobre os motivos de não ter mulheres nos seringais:

– Seu Juca é quem manda buscar os “brados” ao Ceará e lhes paga as passagens e as comedorias até aqui. Se os “brados” viessem com as mulheres e a filharada, ficavam muito caros. Depois, se um homem tem aqui a mulher, trabalha menos

para o patrão. Vai caçar, vai pescar, vai trabalhar do mandiocal e só tira seringa para algum metro de riscado ou litro de cachaça de que precise. E seu Juca não quer isso. O que seu Juca quer é seringueiro sòzinho, que trabalha muito com a ideia de tirar saldo para ir ver a mulher ou casar lá pelo Ceará. (Castro 1960: 142)

Nesse trecho, vemos a relação de poder que o colonizador brasileiro, Juca, mantinha sobre os demais no Paraíso. Said comenta sobre a relação de poder de um ocidental ao se referir ao “Oriente”: “(...) o consumidor ocidental tem o direito de possuir ou gastar (ou ambas as coisas) a maioria dos recursos do mundo. Por quê? Porque ele, ao contrário do oriental, é um verdadeiro ser humano” (Said 2007: 161). Nessa citação, o autor chama de ocidental o imperialismo dos europeus e dos estadunidenses, assim, aponta sua forma de ver e classificar o Outro. Nesse sentido, Juca Tristão, na posição de colonizador brasileiro, detentor do poder, mantinha esse monopólio em relação aos seringueiros, no microcosmo Paraíso.

Todos os seringueiros eram avaliados pelos seus trabalhos, atos e comportamentos, que refletiam na hora de serem aviados aos domingos. A cachaça era uma bebida preciosa no seringal, pois ludibriava a saudade da família, de sua terra, e as humilhações no seringal. Assim, temos o seguinte trecho:

Mas entre os párias havia grande solidariedade sempre que se tratava de cachaça. Por um gole de bebida que estrangulava a tristeza nas longínquas solidões, seriam capazes de palmilhar um dia inteiro todas as sendas da floresta ou de entregar o produto de muitas semanas de labor. (Castro 1960: 154)

Assim, ainda com recortes a respeito das compras no barracão, temos uma cena que traz a relação de poder do colonizador brasileiro em relação ao colonizado português que, assim como os demais, era tratado com hostilidades pelo seringalista:

Quando Alberto se encostou à escrivaninha, com Firmino ao lado, Juca Tristão olhou-o de alto a baixo, exclamando:

– Você me está a dar cabo da estrada! Se não tinha jeito para cortar seringa ou se não queria, não viesse para cá, que ninguém cá precisava de você. *Não se acredita que um homem que vem de Portugal seja mais bestalhão do que um cearense.* Só lhe digo uma coisa: se você continuar a matar os paus, eu não lhe vendo nem mais um litro de farinha! (Castro 1960: 155, grifo nosso)

Assim sendo, nesse trecho temos novamente uma rejeição sobre o europeu “ninguém cá precisava de você” e também podemos fazer alusão à relação de poder do colonizador brasileiro e a uma possível relação de superioridade do português, na visão de Juca, em relação aos cearenses.

Ainda sobre as adversidades no seringal Paraíso, ter um rifle, era garantia de sobrevivência, pois havia animais selvagens que ameaçavam os homens e também havia conflitos com os indígenas que, na maioria das vezes, terminava em morte. É importante destacar que, na narrativa, Castro não dá ênfase na questão indígena, há poucas citações em que eles aparecem como coadjuvantes agressivos. Com isso, temos o posicionamento de um europeu em relação aos indígenas. Sabemos da presença dos autóctones na Amazônia, bem como de sua exploração e dizimação no período de colonização das Américas, porém como essa temática foge de nossos objetivos, não adentraremos nesse ponto. Assim, após ter negado um rifle a Alberto, Juca Tristão também nega um rifle a outro seringueiro. O diálogo do seringueiro chama a atenção de Alberto: “Uma frase trouxe Alberto à normalidade: – Eu não vim aqui para perder a vida, seu Juca!” (Castro 1960: 157). De fato, nenhum seringueiro estava ali para perder a vida, estavam em busca de uma riqueza ilusória, de uma riqueza impossível para o seringueiro. Dessa forma, temos o colonizador brasileiro numa perspectiva desumana em relação aos outros, que estamos tratando por colonizados, assim como relata Said: “um ocidental branco de classe média acredita ser sua prerrogativa humana não só administrar o mundo não branco, mas também possuí-lo, só porque por definição ‘esse mundo’ não é tão humano quanto ‘nós’ somos” (Said 2007: 161). Assim sendo, os contrapontos da selva, a distância da terra natal, o sistema exploratório do seringal, tudo colaborava para o monopólio do colonizador brasileiro no microcosmo Paraíso.

As dívidas dos seringueiros eram pressupostos para sua escravidão. Pela dívida o colonizador brasileiro ditava as leis do seringal, vendia o que bem entendia, comprava a preços mínimos as bolas de borracha dos seringueiros e negociava quase pelo dobro em Manaus e Belém, constituindo um sistema exploratório onde o único beneficiado, dentro do seringal, era o seringalista.

Em pouco tempo, no Paraíso, os brados já se preocupavam em trabalhar para arrumar saldo para quitar suas dívidas e regressarem. Em meio aos atritos com Juca, perdiam a expectativa de vida, ficavam limitados à conta: “(...) Mas, se eu morrer, ele perde mais. Perde toda a conta (...) Riram-se. O irado riu também” (Castro 1960: 157). Nesse trecho, observa-se que os colonizados brasileiros eram pessoas que tinham que se submeter ao sistema vigente, viviam presos ao seringal e perdiam o senso moral. Assim, o microcosmo Paraíso fazia os seringueiros perderem a perspectiva de vida, em alguns casos, pois a vida valia uma dívida. Com isso, temos também um exemplo em que o paraíso torna-se inferno.

O português, pelas leis naturais da selva e as impostas pelo sistema exploratório dos seringais brasileiros, se integrava ao sistema e se assemelhava aos outros retirantes:

Alberto pensava na sua conta, no que podia acontecer, no que não aconteceria jamais – fila de hipóteses tão interminável como aqueles troncos de todos os tamanhos que o farol ia arrancando à negridão da selva. “Dez quilos por semana, trinta mil réis... Cento e vinte no fim do mês. Mas as despesas? As despesas (...) E o Inverno, em que não se fazia quase nada? Quantos anos, quantos, para pagar a conta, mesmo que tivesse sorte e saúde!”. (Castro 1960: 167-8)

O trecho acima alude a uma equiparação entre Alberto e os outros seringueiros, pois demonstra o quanto estava envolvido ao sistema de exploração do microcosmo Paraíso. Nesse ponto, acreditamos que há um estágio de verossimilhança entre os seringueiros brasileiros e o português, pois estavam inseridos nas mesmas condições psicológicas, hierárquicas e financeiras, proporcionadas pelo seringal. Assim, os seringueiros, nordestinos e o exilado português, na narrativa, compartilham as mesmas experiências de vida que os levam a perder, em alguns momentos, o senso civilizatório (des)construído pelo microcosmo, como por exemplo, alguns relatos e cenas voltados para a prática da zoofilia, algumas alusões à pedofilia e ao estupro, todavia, não nos aprofundaremos nesses assuntos, pois são abordagens que fogem da nossa proposta de leitura.

Nesse contexto da narrativa, surge uma promoção para Alberto. Juca Tristão necessita de alguém para trabalhar no barracão: “– Parece-me muito bem. Os judeus e os portugueses nasceram para o comércio”. Seu Juca, indaga a Alberto sobre o que ele sabia sobre comércio, meditando um momento diz: “– Está bem. Você vem cá para o barracão, já que não dá nada a cortar seringa. Depois se vê quanto pode ganhar”. Era o primeiro reconhecimento “Alberto saiu tropeçando no cesto dos papéis, *a alma iluminada por aquele princípio de redenção*” (Castro 1960: 194-6, grifo nosso).

O espírito de superioridade avivou-se em Alberto. Era o reconhecimento, uma forma de redenção daquele local que ele abominava. Porém, no barracão, em alguns momentos, se sentiu humilhado em ter um tratamento inferior aos demais empregados. Observava a mesa dentro do casarão “com toalha branca, cristais e vinhos era, para ele, motivo humilhante. Sentia-se arredado como um doméstico: as mãos engelhadas ainda da lavagem das garrafas e as refeições servidas na cozinha, a marcarem a sua situação” (Castro 1960: 209).

Conforme Alberto se integrava ao ambiente do barracão, começava a mudar seu posicionamento em relação à cúpula do colonizador brasileiro: “à medida que crescia no lugar, ia regressando a si próprio, de novo se sentindo digno de tudo que de bom lhe faziam: da consideração do senhor Guerreiro, da meiguice de Caetano e de Balbino” (Castro 1960: 222). O sentimento de dignidade de Alberto refletia no sentimento de superioridade do colonizador, sentimento de poder. Said discorre “basta que ‘nós’ tracemos essas fronteiras em nossas mente; ‘eles’ se tornam ‘eles’ de acordo com as demarcações, e

tanto o seu território como a sua mentalidade são designados como diferentes dos ‘nossos’” (Said 2007: 91). Nesse sentido, Alberto que antes repugnava as ações do senhor Guerreiro, de Caetano e de Balbino, agora vê-los com uma sensibilidade maior, são “meigos”, desse modo, o europeu novamente se aviva, posicionando do mesmo lado do colonizador brasileiro.

Em determinado momento da narrativa, Juca Tristão viaja para visitar sua fazenda em Marajó, norte do Estado do Pará. A reação de Alberto quanto à ausência do colonizador brasileiro:

Sômente Juca Tristão gozava, ali, a regalia de poder ausentar-se sempre que assim o entendesse. Era o único que partia, com bom saldo na carteira, subisse ou descesse a borracha. Alberto, então, teve inveja, inveja que era quase ódio surdo e latente. Ao mesmo tempo, porém, sentia inexplicável alívio com a ausência do amo. (Castro 1960: 229-230)

Assim, no desenvolver da narrativa, Alberto recebe uma carta de Portugal, era de sua mãe. A carta trazia a notícia que ele estava anistiado: “Prendia-o a carta materna, com a notícia de que os republicanos haviam, enfim, resolvido anistiar os insurrectos de Monsanto” (Castro 1960: 248). De tal modo, os republicanos haviam anistiado os monarquistas em Portugal e muitos, que estavam na Espanha, já haviam regressado. Nesse contexto, aumenta o desejo de Alberto em retornar a sua terra natal, todavia estava preso à dívida no seringal amazônico. Posteriormente, recebeu uma nova carta de sua mãe. Na correspondência, havia o dinheiro para o regresso a Portugal. Sua saída do Paraíso estava mais próxima:

Os seus olhos haviam-se humedecido e os seus lábios tremiam de emoção. Mas logo ele reagiu. Estava livre! Livre! E que pena, que pena, que a ignorância materna, temendo o extravio do dinheiro, lho tivesse enviado por intermédio de Macedo! O tio escusava de saber aquilo. (Castro 1960: 284)

Alberto ficou lisonjeado com a notícia e com a previsão de seu futuro, longe do Brasil, especialmente, longe do paraíso infernal do seringal. Quando soube da notícia, Juca Tristão absolveu a dívida de Alberto, porém deveria esperar o seringalista arrumar alguém para substituí-lo.

A narrativa termina com o barracão ardendo em fogo, todos preocupados com a falta do colonizador brasileiro: “– Está lá dentro. Eu e o João fomos ver se entrávamos lá, mas o fogo não deixou. Tenho as mãos piores que um moqueado e não tenho cabelo nem pestanas. Se seu Juca não sai para o quintal, a esta hora está perdido” (Castro 1960: 314). Assim, o colonizador brasileiro foi morto pelo fogo para a libertação de muitos.

O negro Tiago confessa o crime:

– Branco: me mande para a cadeia de Humaitá. Fui eu que deitei fogo ao barracão e fechei as portas para seu Juca não sair (...) Humilde na sua sinceridade, o olhar baixo, indiferente à cólera que o circundava, Tiago murmurou: – Eu também gostava muito do patrão. Ele me podia até matar que eu não fugia. Era mesmo amigo dele. Mas seu Juca se desviou... Estava a escrivizar os seringueiros. Tronco e peixe-boi no lombo só nas senzalas. E já não há escravatura (...). (Castro 1960: 318-9)

Tiago, negro e ex-escravo, era uma personagem secundária que Juca Tristão mantinha como criado. Em alguns momentos da narrativa, o seringalista tratava-o com humilhação e desrespeito. Cabe a nós, a título de explicação, fazer um breve comentário a respeito da presença negra nos seringais brasileiros. Assim, Mendonça (1973), discorrendo sobre questões da influência africana no Brasil, ressalta que a distribuição dos escravos negros no período colonial brasileiro se estendeu pela faixa litorânea desde São Vicente ao Maranhão e também para o interior “em todos os centros de atividade agrícola ou mineradora, quer os do planalto meridional quer os do sertão do norte” (Mendonça 1973: 40). Nesse contexto, não podemos afirmar que, no Brasil, a mão de obra negra foi uma prática nos seringais amazônicos. Assim como a figura do indígena, Castro também não se aprofunda na questão do negro no romance *A Selva*, desse modo, também não exploraremos essa temática. Contudo, o fato é que, na narrativa, a ação do negro Tiago coloca fim na figura do colonizador Juca.

No entanto, é interessante observar o que Pratt relata sobre o teor das narrativas de viagens e aponta fatos que equiparamos ao romance *A Selva*:

Os esquemas de amor transracional dos relatos de viagem sentimental tanto confrontavam como mediatizavam essas contradições, articulando aquilo que foi chamado por Peter Hulme um ‘ideal de harmonia cultural por meio do romance’ (...) O que faz desse ideal uma ideal é a mítica (sic) da reciprocidade (...) E naturalmente, no final a reciprocidade acaba, os amantes se separam, o europeu é reabsorvido pela Europa e o amante não europeu morre ainda na juventude. (Pratt 1999: 29)

Portanto, pressupomos, com o desfecho da narrativa, a vitória dos colonizados que tanto sofreram no Paraíso. Entretanto, não podemos deixar de lembrar que a figura do europeu, que esteve em meio aos brados no seringal, também vence. Ferreira de Castro representou o Oriente através das experiências vividas pela personagem Alberto, no romance *A Selva*, porém representou o Oriente mimético amazônico.

Considerações finais

Nosso objetivo foi fazer uma leitura do romance *A Selva*, em uma visão pós-colonial, observando a inversão de papéis e a visão do Outro segundo o arquétipo europeu. O romance foi publicado em Portugal para o público português, mas não deixou de ser um romance regional brasileiro. Não podemos desmerecer *A Selva*, pois, assim como Euclides da Cunha, em *À margem da história*, Castro faz uma denúncia sobre o sistema exploratório humano dos seringais da Região Amazônica. Ele também apresenta ao mundo as desavenças sofridas pelos nordestinos nos seringais brasileiros e divulga a Amazônia com sua obra.

Assim sendo, estudamos o romance a partir da inversão de papéis: colonizador *versus* colonizado. Vimos a denúncia social, mas também observamos a resistência do europeu, Alberto, em se inserir ao meio e de aceitar a cultura do Outro. Esse tipo de inversão, com intuito de causar impacto social, também é visível em outros romances brasileiros como *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, onde temos a inversão de papel de uma personagem branca, representando o colonizador, na posição de escrava, colonizada. E ainda, *O Ateneu*, de Raul Pompéia, onde temos o menino Sérgio, filho de uma família abastada, que na inversão de papéis sofre as desavenças no colégio interno e, desse modo, faz uma crítica social ao sistema de ensino da aristocracia da época. Essas obras servem como subsídios para compreender a tática utilizada por alguns escritores que, ao fazer a inversão de papéis, levam o leitor a observar com os olhos de dor e de incerteza a adversidade vivida pela personagem.

No romance *A Selva*, temos o colonizador europeu ou o metropolitano representando o Outro através de si mesmo. A inversão de papéis mostrou a realidade social do início do século XX no contexto amazônico do Brasil. Assim, Castro sentiu, em sua experiência de vida, as dificuldades da selva amazônica, pois viveu entre os seringueiros brasileiros, embora não fosse nativo. Escreveu sobre a selva, porque devia isso aos nordestinos que viveram com ele no Paraíso. Mas, sua preocupação também era com a crítica portuguesa em aceitar ou não sua obra, assim como relatou Ferreira de Castro (*apud* Tocantins 1999: 110): “relutei em situar o ato repulsivo, pensando, sobretudo, nas repercussões em Portugal”.

Por fim, podemos considerar a inversão de papéis como um recurso para comover o leitor, para amenizar a situação de poder que o colonizador europeu manteve sobre os colonizados. Castro adentrou a antiga colônia, segundo a história, viu e viveu os comportamentos dos seringueiros, observou e anotou o sistema de exploração semelhante ao sistema exploração colonial. E, mesmo com a inversão de papéis, no romance *A Selva*, o europeu vence,

Alberto volta a Portugal, enquanto os colonizados continuam marginalizados e considerados seres de fronteiras.

Notas

Uma versão anterior deste artigo foi apresentada como trabalho de conclusão da disciplina Cultura e Amazônia do Mestrado Acadêmico em Letras – Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Brasil, 2013. Assim agradecemos ao corpo docente do programa que contribuiu para o amadurecimento do tema.

¹ Utilizamos a 19ª edição do romance *A Selva* que foi publicado em Lisboa, Portugal, no ano de 1960. Desse modo, o leitor encontrará citações que correspondem à língua portuguesa de Portugal da primeira metade do século XX. Assim, há palavras que divergem do português atual brasileiro o qual passou por uma reforma ortográfica a partir de 2009.

² Este termo corresponde à antiga lenda indígena que se difundiu no período de colonização das Américas. A lenda consiste em afirmar a existência de uma cidade feita de ouro maciço e puro, além de outros tesouros. No Brasil, este termo também pode designar qualquer lugar repleto de riqueza ou facilidade em conseguir riqueza. Assim, utilizamos o termo “Eldorado” para se referir à riqueza natural e sua possibilidade de exploração, gerando riqueza econômica.

³ Na narrativa, encontramos a recorrência da palavra *brado*, bem como da palavra *rebanho* que se referem ao recrutado nordestino que seria encaminhado ou já estava inserido nos seringais amazônicos.

⁴ A palavra *gaiola*, na narrativa, corresponde à rude embarcação que navegava nos rios dos estados do Amazonas e do Pará.

⁵ O Rio Madeira compõe a bacia do Rio Amazonas. Ele corta os estados brasileiros de Rondônia e Amazonas. Assim este rio, na narrativa, era a via fluvial de acesso ao seringal Paraíso.

Referências

CASTRO, Ferreira de. 1960. *A Selva*. Lisboa: Guimarães.

CUNHA, Euclides da. 2006. *À margem da história*. São Paulo: Martin Claret.

EMERY, Bernard. 1999. “A Amazônia e a (re)invenção do luso-tropicalismo: o caso de *A Selva*”. Em: *Leitura da Amazônia: Revista Internacional de Arte e Cultura* 1(1): pp. 91-103. Instituto de Ciências Humanas e Letras: Mestrado de Letras e Natureza e Cultura na Amazônia da Universidade do Amazonas e Universidade Srenbhal-Grenoble 3, Grellit. Manaus: Valer.

- GONDIM, Neide. 2007. *A invenção da Amazônia*, 2ª ed. Manaus: Editora Valer.
- MENDONÇA, Renato. 1973. *A influência africana no português do Brasil*, 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- PRATT, Mary Louise. 1999. “Pós-Colonialidade: Projeto incompleto ou irrelevante?”. Em: Luiz Eugênio Vécio e Pedro Brum Santos (orgs.). *Literatura e História: Perspectivas e Convergências*, pp. 17-53. Bauru, EDUSC.
- SAID, Edward W. 2007. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras.
- TOCANTINS, Leandro. 1999. “Ferreira de Castro, verdes caminhos da Amazônia”. Em: *Leitura da Amazônia: Revista Internacional de Arte e Cultura* 1(1): p. 105-121. Instituto de Ciências Humanas e Letras, Mestrado de Letras e Natureza e Cultura na Amazônia da Universidade do Amazonas e Universidade Srendbal, Grenoble 3, Grelit. Manaus: Valer, 1999.